



# O Mal Estar E A Adicção: Considerações Iniciais<sup>1</sup>

HEWEN LIZANDRA BARBOSA SANTOS<sup>2</sup>  
JANAÍNA DA CONCEIÇÃO NASCIMENTO ALVES<sup>3</sup>  
JÉSSICA SAMANTHA LIRA DA COSTA<sup>4</sup>  
PATRICK DOS ANJOS<sup>5</sup>

## RESUMO

O artigo aqui apresentado tem por objetivo princeps discutir a relação do mal estar da atualidade com a adicção e de que maneira estas duas temáticas se entrelaçam. Investigou-se, no princípio, como poderíamos definir o que atualmente configura-se como mal estar e também como adicção, sobretudo em uma literatura especializada na teoria psicanalítica. Notou-se que o mal estar é inerente à raça humana e que somente seres psíquicos como são os seres humanos e que apresentam um conflito inaugural de suas existências pode experimentar a noção de mal estar. Pois o mal estar diz respeito à luta intrínseca da existência humana entre as pulsões e a ordem civilizatória, ocasionando, assim, o inerente desprazer que todos nós nos queixamos diuturnamente. Paralelo a isso, apresentamos a definição de adicção, termo que por vezes é preterido e trocado por outros significados, mas que nos interessa aqui para retratar a noção de escravidão e subserviência que a ele são próprias. Como nota final, mostrou-se que o mal estar produzido por uma sociedade cansada, estafada, excessiva e espetacularizada como a nossa é um dos motivos cativos para que objetos sedutores tornem-se donos de almas dilaceradas.

**Palavras-chave:** mal estar; adicção; excesso; psicanálise.

Received 08 Dec, 2021; Revised 21 Dec, 2021; Accepted 23 Dec, 2021 © The author(s) 2021.

Published with open access at [www.questjournals.org](http://www.questjournals.org)

## I. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Adicção, do latim *addictus*, de modo geral pode ser entendido como uma *dependência do consumo regular de uma determinada substância ou de prática constante de uma dada atividade; vício. Dependência física ou psíquica*. *Adicto*, do *addictu*, que normalmente pode ser entendido e relacionado com a noção de escravo por dívidas; entregue; dedicado. Adjetivo: *que se apega a; que depende de algo*.

O início que demos ao presente texto não foi despropositado, temos uma certa dificuldade de entender do que se trata a adicção. Quando vamos ao livro de um dos maiores especialistas no tema na atualidade, Décio Gurfinkel, entendemos que adicção pode ser entendida como uma “patologia do agir” (GURFINKEL, 2011, p. 53).

Assim sendo, é notório que através deste ponto de vista, podemos entender que a ação é um viés de escoamento de tensões psíquicas em todo e qualquer sujeito; com isso, alguns sujeitos estão mais propensos a se tornarem adictos, o que pode sugerir um tipo de caráter: o caráter impulsivo, estando associado ao campo da

<sup>1</sup> Artigo proveniente do projeto de pesquisa (PIBIC) intitulado: “Drogadição e Mal estar: a violência na adicção”, do curso de Psicologia da Estácio Belém.

<sup>2</sup> Discente e orientanda do projeto de pesquisa (PIBIC), cujo título é: “Drogadição e Mal estar: a violência na adicção”, do curso de Psicologia da Estácio Belém. E-mail: [hlizandra@outlook.com](mailto:hlizandra@outlook.com)

<sup>3</sup> Discente e orientanda do projeto de pesquisa (PIBIC), cujo título é: “Drogadição e Mal estar: a violência na adicção”, do curso de Psicologia da Estácio Belém. E-mail: [janaina.cont@yahoo.com.br](mailto:janaina.cont@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Coordenadora do projeto de PIBIC intitulado: “Drogadição e Mal estar: a violência na adicção”. Professora Universitária, mestre e doutoranda em Psicanálise (UFPA/UNIVERSITÉ DE PARIS VII). Professora e coordenadora adjunta do curso de Psicologia da Estácio Belém. E-mail: [jessica.s.lira@hotmail.com](mailto:jessica.s.lira@hotmail.com)

<sup>5</sup> Discente e orientando do projeto de pesquisa (PIBIC), cujo título é: “Drogadição e Mal estar: a violência na adicção”, do curso de Psicologia da Estácio Belém. E-mail: [anjospatrick060@gmail.com](mailto:anjospatrick060@gmail.com)

esfera do agir. Nestes termos, o agir é compreendido como o uso compulsivo e impulsivo de determinado objeto que possui dominância sobre o sujeito e altera o seu estado psíquico, anímico, mental, social.

Ademais, quando se age de tal maneira, podemos encontrar uma incapacidade em parar e pensar, fazendo com que o sujeito se apresente numa esfera de repetição involuntária, que agride frontalmente o curso do seu desenvolvimento psíquico. E tendo em vista que trouxemos dois conceitos fundamentais para o debate, é de bom tom realizar, ainda que de maneira objetiva, a distinção de ambos: impulsividade e compulsividade.

O primeiro, a impulsividade, diz respeito a uma sensação de aproximação de uma situação ou condição de risco, pois geralmente está associada a condições prazerosas. Fazendo, com isso, com que o sujeito não pense nem articule nada de cunho racional sobre ela, pois o único intuito é fazer acontecer.

Já o segundo, a compulsividade, aborda uma espécie de “*insaciação crônica*” (pedimos escusas para a criação deste neologismo, mas é necessário para exprimir o pensamento que aqui se figura). Consume-se, pois o que se está consumindo nunca preenche por inteiro o nosso próprio estoque. Um sujeito em compulsão está sempre na defensiva e tenta se proteger de ataques imaginários utilizando objetos que jamais poderão lhe oferecer a satisfação total.

Outrossim, é neste cenário que este trabalho surge: fruto de um projeto de pesquisa (PIBIC), vinculado ao curso de Psicologia da Estácio Belém, o intuito central do grupo que atualmente o desenvolve é investigar as raízes violentas da adicção: como está o sujeito – sobretudo psiquicamente – neste emaranhado da adicção? Ou até mesmo por que selecionamos este tema? E de que maneira a psicanálise nos fornece substratos teóricos e técnicos para a compreensão do tema supracitado? Estas e outras questões serão abordadas pelos autores ao longo do trabalho.

## II. O MAL ESTAR NA CULTURA DO EXCESSO.

Quando Freud escreve e publica o icônico texto “O mal estar na cultura” (1930) ele estava, de alguma maneira, ciente que estava escrevendo um texto atemporal, que não se tratava de um texto voltado apenas para a cultura que ele experienciava e vivenciava à sua época, mas sim qualquer sociedade (viva ou morta) que já habitou e ainda habita(rá) este planeta. E por que tal atemporalidade se dá? Simplesmente porque, o que o Freud bem aponta no texto, desde que sejamos sujeitos submetidos sobretudo às normas, regras e leis, o mal será inerente, pois a luta constante gira em torno de pulsões versus civilização.

No mesmo texto, Freud aborda que justamente por conta dessa luta constante, temos como efeito uma produção também constante de mal estar e que com isso, teríamos que encontrar lenitivos para conseguir lidar com a realidade tal qual nós a vivenciamos. Ao falar destes ditos lenitivos, o Freud, de maneira bem cirúrgica, faz menção – entre outras coisas – às substâncias psicoativas: as drogas. E diz que uma vez que aquele objeto nos retira de nossa realidade escrachada e que faz com que não precisemos lidar de maneira objetiva com as mazelas da vida, pelo menos não enquanto o efeito durar, ele se apresenta para muitos de nós como um objeto sedutor.

A grande questão que precisamos enfrentar aqui é que as adicções não se resumem somente às drogas ilícitas, ainda que ao falarmos de adicções elas venham em primeiro plano. Mas tal como descrevemos na introdução deste trabalho, aquilo que faz com que nos tornemos adictos, dependentes, subservientes é um objeto de adicção. Então absolutamente tudo que um sujeito tome como um objeto ativo e que lhe deixe passivo é o seu objeto comum de adicção. Sendo assim, a nossa lista é ampliada e infinita. Principalmente nesta sociedade do consumo, do excesso e do cansaço em que nós estamos inseridos.

Hoje não é interessante que alguém mostre a sua vida mediana, para vocês ser alguém, ou ser reconhecido, você precisa ser *verificado* (uma alusão ao símbolo azul que as redes sociais fornecem àqueles que tenham muitos seguidores). Estamos todos lotados de atividades, ganhamos longevidade e não sabemos o que fazer com isso. A tão almejada liberdade, que nossos ancestrais duramente lutaram para obter, hoje é um objeto de angústia: “o que eu faço com esta liberdade que me condena a escolher?”

Na clínica não é incomum que escutemos discursos como: “eu não sei o porquê disso...”; “eu até tenho uma vida boa, mas há algo dentro de mim, que eu não sei descrever que me atormenta”; “é insuportável você ser adulto hoje, você tem muitas decisões para tomar e eu não sei se estou preparado para toma-las”; “eu não tenho mais nem tempo para não fazer nada, pois sempre que tenho uma folga do trabalho ou de afazeres domésticos, eu sinto-me culpado, pois deveria estar aprendendo algo, ou sendo útil para alguém, porque do contrário, qual o sentido da minha existência?”.

Começemos por esta última indagação, porque acreditamos que ela comporta todas as outras, de uma forma ou de outra. Qual o sentido da existência? E todos precisam ter ou reconhecer um único sentido? O que vem acontecendo com a nossa sociedade que quanto mais oportunidades, mais avanços tecnológicos, mais riqueza monetária, menos saciedade é alcançada. E mais buraco, mais vazio, mais *fundo do poço* se apresenta.

Em um livro intitulado “Tempos compulsivos: a busca desenfreada pelo prazer” a psicanalista Sandra Edler aborda, de maneira magistral, a relação da contemporaneidade com o excesso existencial. Demonstra, inclusive, que um dos grandes responsáveis pelas maiores queixas daqueles que chegam aos consultórios de

psicanálise é justamente o excesso da atualidade. A sociedade do *time is Money*, mesmo que o *time* tenha sido super bem programado com diversas tecnologias que lhe ajudam a poupar tempo. É a dualidade constitucional de todos nós.

O homem ganhou tempo, obteve maior longevidade. E aspira ir ainda mais longe. Na escuta clínica dos últimos anos, tornou-se muito nítida, no entanto, a queixa constante de que o tempo é curto, a vida não cabe nas 24 horas propostas pelo relógio. Listas intermináveis com itens importantes acabam por ser adiadas para o dia seguinte, com a constatação de que não houve tempo. Pessoas exaustas, sobrecarregadas, agendas lotadas de compromissos. Isso nos leva a interrogar como estamos vivendo e ocupando nossas horas, sobretudo na vida urbana, nos centros, nas grandes cidades. (...) tornou-se imperativo o conceito de tempo improdutivo (EDLER, 2017, p. 17).

Talvez o interessante aqui seja resgatar que os prejuízos decorrentes dos avanços tecnológicos da humanidade não passaram ilesos às novas expressões sintomáticas da nossa sociedade, afinal, não é possível que não enxerguemos que estamos diante da população mais *mimada*<sup>6</sup> que a história mundial já se deparou, mas isto não trouxe benefícios, pelo contrário, trouxe novas compulsões, novas depressões, ansiedade, psicopatologias de maneira geral e, não obstante, novas adicções.

Por que alguém se torna adicto? Esta é uma pergunta chave não somente para o nosso trabalho, mas para entender toda a problemática que está entrelaçada com a presente questão. Por óbvio não poderíamos oferecer apenas uma resposta para tal indagação, porque simplesmente não há e porque seria demasiadamente reducionista, mas ainda que a resposta final seja distinta, talvez poderíamos supor que o que está por trás de toda adicção é uma tentativa de suplementação ou de tamponar a falta. Explicaremos tal suposição adiante.

Como assim suplementar ou tamponar a falta? É importante ressaltar que um sujeito para tornar-se dependente de alguém objeto é porque há algo que nele falta e que ele busca justamente neste objeto que eleger e que, aparentemente, tem o poder de servir como objeto de consolo. A grande questão é quando este sujeito se arvora a tal ponto na utilização deste objeto que acredita que somente este pode dar sentido a sua existência.

Por isso é importante que fiquemos sempre muito atentos às mais variadas expressões de sofrimento, pois *todo excesso esconde uma falta*. De certo temos algo similar aos nossos ancestrais: a busca do prazer a todo custo, todavia, no cenário atual, em que tal prazer apresenta-se para você sem que você nem precise procurar por ele, temos uma decadência no jogo de oferta e procura, proporcionando que respostas evasivas e fluídas sejam realizadas. E fazendo com que o sujeito torne-se um escravo do tempo ilimitado, que de tão *fast*, afasta qualquer possibilidade de elaboração mais pormenorizada.

Como muito bem nos apresenta Edler (2017, p. 17):

(...) o sujeito estabelece laços compulsivos, por vezes de maneira muito intensa, que produzem, no conjunto da vida, esvaziamento, estreitamento e redução de horizontes existenciais. (...) As compulsões não se ligam unicamente às substâncias psicoativas: de uma forma mais ampla podem se estabelecer não apenas frente a elas, mas nos laços do dia a dia, em nossa relação com os alimentos, café, exercícios, dinheiro, compras, uso da internet, jogos, sexo e até mesmo trabalho. Em quaisquer dessas atividades, o que chama atenção nas compulsões é o tipo de relação que o sujeito cria com o objeto, e, não necessariamente, o objeto em si. A resposta automática e o vínculo de dependência, somados, produzem um efeito de *apequenamento e redução do sujeito* em suas escolhas e decisões.

Talvez o nosso momento atual, COVID19, seja um dos maiores exemplos de como o excesso, em suas mais variadas facetas, se interpõem como resposta às nossas mazelas existenciais. Não é incomum que nos apercebamos dos dados registrados nas mais diversas esferas de nossas vidas quando fomos obrigados a nos afastarmos socialmente. O índice de divórcio aumentou, o uso de substâncias psicoativas e de bebidas alcoólicas aumentou, a violência contra mulheres, crianças e idosos aumentou e tantos outros problemas sociais que já tínhamos foram amplamente alargados neste nosso atual cenário e por quê? Porque tudo aquilo que anteriormente poderia ser extravasado e adquirido fora, agora começaria a ter que se sustentar internamente e toda força que não é escoada para fora, ela explode dentro. Isso para além de psicanálise, é física.

Outra maneira de abordar tais questões é como Gurfinkel (1995) faz quando ratifica que há uma função na droga de unir sensações que estão, à esta altura, fora do sujeito. Mas ao ingerir a droga, o sujeito adicto coloca para dentro de si toda isto que lhe faltava, proporcionando quase uma sensação de cura para o caráter narcisista. Neste aspecto, a droga tende a preencher a parte que falta – e acaba sendo, dali em diante, a parte que sempre está faltando. O que fazer então com essa parte que falta?

A escritora e youtuber Julia Tolezano, popularmente conhecida como JoutJout, expôs em seu canal um livro ilustrado e escrito pelo americano Shel Silverstein (1930-1999), "A parte que falta" publicado originalmente em 1976. A história do livro se refere a um ser circular que se sente constantemente incompleto e busca durante seu caminho algo que possa preencher um espaço e proporcionar um bem estar e uma satisfação

<sup>6</sup> A este respeito, consultar a teoria de Dalrymple no livro: "Podres de Mimados". Nele, o autor explica o porquê utiliza este termo para se referir à grande parte da população nos dias atuais. Leitura necessária!

completa. Essa busca é feita sempre no ambiente externo, causando frustração para o personagem no decorrer de sua trajetória, por não encontrar este objeto de completa satisfação e viver com uma sensação de mal estar.

Aqui pode ser realizado um paralelo com o toxicômano, que, em busca de algo que preencha uma falta, acaba fazendo uso de uma substância que se tornará a própria parte que falta; quase se tornando uma unidade com o objeto – engolindo a parte que falta – e que a partir de então, sempre estará faltando.

Por certo ainda há muito para se discutir sobre a questão do que o mal estar pode nos proporcionar tanto em um nível cultural quanto (e sobretudo) em um nível psíquico e subjetivo. Entretanto, como não temos por objetivo encerrar as discussões aqui levantadas e tantas outras que surgirão a partir delas, deixaremos para tratar sobre estas questões em um outro trabalho que futuramente será produzido. Pois não temos o desejo de parar de pesquisar e trabalhar com a temática aqui circunscrita.

### III. ADICÇÃO: PRIMEIROS RECORTES.

Como bem fizemos questão de apontar na introdução deste artigo, a adicção remete sempre à uma subserviência, à uma dependência. É nesse sentido é interessante quando se usa o termo escravidão para se referir à adicção. Pois se trata justamente disso, de uma forma de escravizar o sujeito, tendo em vista que quando o sujeito está adicto, ele não tem mais a liberdade de escolha, ele é incapaz de escolher entre utilizar ou não o objeto. Tal como o feticista que só goza com o objeto de seu fetiche, o adicto só se preenche quando seu objeto eleito se apresenta para ele.

O problema é que, diferentemente do feticista, que se satisfaz momentaneamente com o seu objeto-fetiche, o adicto necessita que as doses se aumentem paulatinamente do seu objeto de adicção pois a cada momento que passa a sensação de esvaziamento também cresce.

A impossibilidade de representação é um fator que também está no processo da Adicção. Pois quando o excesso pulsional traumático impede o trabalho egóico e o sujeito não consegue realizar a ligação e a representação das moções pulsionais, esse excesso pulsional continua agindo no psiquismo de forma estranha e externa ao sujeito. Para Ferenczi, toda estrutura psíquica é traumática, resultado do doloroso confronto entre a criança e seu meio, e que o trauma é necessário e inevitável, já que está na base da constituição do sujeito, no encontro do eu com o outro. E o que vai caracterizar o trauma como estruturante ou desestruturante é a questão do desmedido. A confusão entre a linguagem ternura da criança com a linguagem de violenta paixão do adulto resulta numa violência psíquica, tem no destemido o acontecimento do trauma que impede sua representação e metabolização. Num primeiro momento, a compulsão à repetição foi desenvolvida por Freud (até 1919/1920) tendo como base a teoria do recalco e além do princípio do prazer. Após esse período revelou uma nova abordagem a partir da pulsão de morte.

A expressão alemã *Wiederholungszwang* foi utilizada por Freud para se referir a compulsão à repetição. Ela designa uma força interna coerciva de caráter imperativo de tal forma que o sujeito só possa agir numa direção, tendo a noção de certa alteridade (ou externalidade). Por outro lado, também podemos observar que essa compulsão à repetição tem um caráter de atividade, com uma possibilidade de reação de dominação dessa pulsão.

A compulsão à repetição se tornou crucial na compreensão do quadro da adicção, sendo esta, a resposta possível para o sujeito, pois o mesmo se encontra submetido e passivamente procurando por um único objeto. Mas por outro lado, este mesmo sujeito tenta uma reação contra o poder que o objeto está exercendo sobre ele, lhe dando a ilusão de domínio sobre tal situação. Para elucidar a expressão da passividade utilizamos o conceito de paixão, fazendo uma comparação com a relação de submissão que o sujeito tem com o objeto.

Joyce McDougall aplica no campo da adicção a noção de neo-necessidade. Sendo essa neo-necessidade a dependência acentuada do sujeito ao objeto real da satisfação, em detrimento da internalização de um objeto satisfatório. O sujeito estaria buscando no objeto a sua autopreservação, mesmo que num segundo momento esse objeto seja maléfico, pois traz consigo a compulsão e o desprazer. Joyce McDougall trata também das relações primárias, onde a relação mãe e filho é fundamental. Na organização da adicção aparecerá a “mãe arcaica” que não foi interiorizada de maneira estável e que fará o sujeito buscar num objeto do mundo exterior o desempenho do papel do mundo interno.

Em Winnicott o conceito de fenômenos transacionais está ligado à aquisição progressiva da capacidade da criança se diferenciar do outro mantendo a imagem do objeto ausente. No fracasso da construção de uma posse “não-eu”, surge o objeto transacional fêlho, com o qual não consegue se separar e passa a viver uma dependência. O objeto não consegue realizar a transição e dar lugar a novos objetos.

Para McDougall, a adicção se refere a uma falha na internalização da função materna, e afirma que “a necessidade de objetos externos em forma de sexualidade compulsiva ou de abuso de drogas é evidencia de colapso nos processos de internacionalização”. O objeto sendo transitório se faz necessário substituir constantemente. Já que o mesmo não tem o destino do verdadeiro objeto transacional, ou seja, é sempre um objeto em via de introjeção.

Cristopher Bollas aborda a noção de objeto transformacional na perspectiva de que o primeiro objeto (mãe) é um processo associado a transformações internas e cumulativas. Nesse sentido foi estudado que as drogas podem assumir esse papel de objeto transformacional. Depois da falha no processo de separação entre o sujeito e a figura materna, essa mãe se torna o primeiro objeto de necessidade. Sem conseguir se discriminar dele, o sujeito não investe em outros objetos, tornando esse objeto único. E é essa indiscriminação que servirá de protótipo para a relação com os demais objetos, tendenciando sempre para uma relação de dependência.

#### IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por certo não se faz necessário abordar e explicar a respeito da importância de se pesquisar a temática aqui em voga, sobretudo após (durante) o nosso atual momento de escala universal: a pandemia. Como demonstramos ao longo de todo o texto, sujeitos têm maneiras únicas, particulares e subjetivas para subjetivar seus respectivos sofrimentos e a adicção é só mais uma destas maneiras. O problema instaura-se quando a maneira de se lidar acarreta mais sofrimento ainda para o sujeito. Aí temos uma problemática a ser sanada.

O papel da cultura do *campem die* também é um grande ator na contribuição destas saídas psíquicas desastrosas que a adicção representa. Por isso tivemos que ir até o livro de Sandra Edler, psicanalista que atende em consultório há mais de 20 anos, intitulado *Tempos Compulsivos* para entender de que maneira há uma contribuição desajustada do nosso contemporâneo *fast-food*.

É de bom tom lembrar que muito embora nunca tenha sido tarefa fácil viver, a cultura que atualmente (sobretudo ocidental) dividimos, gira em torno de um consumo desenfreado e rápido e, paradoxalmente, o descarte mais rápido ainda. E a própria lógica capitalista trata de acentuar isto: quanto mais, melhor. Nada é suficiente, sempre há mais para se consumir. Troca-se de celulares novos, por outros mais novos ainda.

Assim, abrimos espaço para uma interposição do consumo desenfreado. Sem desconhecer, é claro, que não se trata necessariamente da procura e da oferta, mas sim que questões psíquicas anteriores, todavia, não podemos deixar de notar que uma cultura que valoriza demasiadamente tal movimento de descarte e aquisição como em um looping eterno também contribui para o estado de coisas.

A grande verdade é que continuaremos faltosos e que objeto nenhum será capaz de tamponar todas as nossas demandas, ainda que quando o sujeito adicto está extasiado pela compulsão desenfreada do objeto e sente-se, ainda que momentaneamente, completo; em seguida a realidade se apresenta e ele volta a sentir-se vazio e a procura de mais doses do objeto que prometeu dominá-lo por completo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1]. EDLER, S. *Tempos compulsivos: a busca desenfreada pelo prazer*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017.
- [2]. FREUD, S. (1930). *O Mal Estar na Cultura*. São Paulo: L&PM, 2012.
- [3]. GURFINKEL, D. *A pulsão e seu objeto-droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- [4]. \_\_\_\_\_. *Adições: paixão e vício*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- [5]. JOUTJOUT em “A falta que a falta faz”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GFuNTV-hi9M>
- [6]. POSTIGO, V. M. C. *Adicção: um estudo sobre a passividade e violência psíquica*. Paraná: Juruá, 2010.